

Guimarães Rosa: o contador de histórias

Maria Leila Alves¹

Resumo: A partir do conto Pirlimpisquice de João Guimarães Rosa, o artigo discute os valores educacionais associados a “contar histórias”: uma das mais instigantes formas de significar o mundo.

Palavras chave: Contar histórias. Educação. Guimarães Rosa. Pirlimpisquice.

Abstract: Based on Pirlimpisquice, a tale by Guimarães Rosa, this paper discusses educational values of storytelling: one of the most important ways of signifying the world.

Keywords: Storytelling. Education. Guimarães Rosa. Pirlimpisquice.

Quem contou mais histórias que Guimarães Rosa? Sherazade em “Mil e uma noites”, em busca de postergar o dia de sua morte?

Quem deixou, gravadas na cultura literária brasileira, tantas narrativas instigantes sobre o homem do meio rural, preservando como a princesa da história, a sua marcante passagem pelo mundo?

Com certeza, as histórias de Guimarães Rosas. Lidas, contadas e recontadas por quem as conhece, nos trazem de volta o imaginário desse literato, o seu jeito de ler a vida, da mesma forma que a visita a cada um de seus textos, com o olhar marcado pelas nossas próprias experiências e fantasias completam suas obras abertas, fazendo que a aventura da narrativa se encaminhe a gosto de cada leitor. Isso acontece com todos nós, os leitores, em cada obra que lemos.

Contar histórias é uma das formas mais instigantes de significar o mundo. O contador de histórias traz, nas tramas narrativas que elabora, a sua leitura de mundo, compartilhando-a com quem as ouve, com quem as lê, para que construa seu próprio significado. Aquele que conta, sempre coloca no que conta muito de si mesmo, pois, como seres relacionais nos construímos, sobretudo na dialogicidade presente no contar, no escrever, no ler, no ouvir, no conversar, no compreender, no interpretar, no sentir com os outros.

A beleza e a força das palavras “Navegar é preciso, viver não é preciso”, verso do poeta português Fernando Pessoa, nos faz pensar sobre o que pode significar aos que as lêem compartilhando o sentido e criando novos sentidos. Com certeza, os grandes navegantes portugueses as interpretaram ao pé da letra, como palavra de ordem para suas aventuras pelos mares. Mas essas palavras podem significar uma metáfora para cantar o amor, como o faz Caetano Veloso em seus versos em sua obra musical “Os internautas”²

Contar e recontar as histórias vividas, construindo e reconstruindo os sentidos que elas envolvem é pura magia, é vivenciar a arte, é permitir que as emoções venham à tona e encantem as nossas vidas, proporcionando-nos momentos felizes.

¹ Docente pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Educação da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

² O *barco*, meu coração não aguenta. Tanta tormenta, alegria. Meu coração não contenta. O dia, o marco, meu coração, o porto, não. Navegar é preciso, viver não é preciso..

De outra parte, ter histórias para contar, e contá-las, nos faz revisitare nossas raízes, ter consciência de nossa identidade, fazer com que nos reconheçamos como parte expressiva da humanidade. Afinal, as pessoas precisam ter histórias para lembrar, histórias para contar e pessoas com quem compartilhá-las.

Regina Machado (2008) lembra que os contos de tradição oral (contados oralmente e por escrito) são construções simbólicas, são veículos privilegiados para o diálogo, são histórias urdidas no domínio do imaginário humano onde tudo é possível. São, por excelência, viveiros de possibilidades e de transformações, porque nessas histórias não existem os dois únicos constrangimentos indiscutíveis da existência humana que, conforme visão de Gilbert Durand são o tempo e a morte.

As histórias escritas quando lidas ou ouvidas, podem ser contadas e recontadas, encantando aos que as leem, aos que as ouvem, aos que as contam e recontam.

Daí a importância da literatura para a educação; daí a sua contribuição na formação cultural de crianças, jovens e adultos.

Para falar sobre a sedução de inventar e contar histórias na vida das pessoas, o que comprova a vitalidade dessa atividade para enriquecer o processo educacional, considero aqui um conto de Guimarães Rosa que se intitula “Pirlimpsiquice”, texto que faz parte de seu livro *Primeiras Estórias*. Trata-se de um relato riquíssimo sobre a arte de contar histórias. Poder-se ia afirmar que representa uma meta história do contar histórias

“Pirlimpsiquice” traz as peripécias de doze meninos atores, que para não contar aos colegas o enredo da peça em cinco atos “Os filhos do Dr. Famoso”, que estavam ensaiando para apresentar em grande estilo na festa do Colégio, entregam-se a inventar e contar histórias, às quais vão dando vida.

Assim se inicia esta história que é nada menos que narrada pelo garoto encarregado de fazer o ponto na peça a ser apresentada: “Aquilo na noite do nosso teatrinho foi de Oh! O estilo espavorido. Ao que sei, que se saiba, ninguém soube sozinho direito o que houve.” (ROSA, 2005, p. 83)

E segue-se o relato de como o padre Prefeito, junto com o Dr. Perdigão, lente de coreografia e história-pátria, solenemente fez a comunicação sobre a apresentação da peça e ritualmente, com um padre nosso e três ave-marias e o discurso sobre o resumo da obra, cada garoto foi lendo um trecho, “em sua melhor bonita voz”. Apenas Zé do Boné promoveu risos ao ler, mas mesmo assim, passou para trás, em pendor artístico, o narrador desta história que fazia papel de ponto na peça a ser encenada. Dessa forma foram os garotos atores introduzidos no elenco, seguindo-se recomendações, acertos de conta, brigas e muita vaidade por terem um motivo para gabar-se junto aos demais colegas

O mais movimentado desta história, no entanto, fica por conta de se evitar que descubram, antes da hora, o enredo da peça e no vai e vem das indagações e das respostas dissimuladas vão surgindo as histórias: “o fuzilado”, “o trem de duelo”, “a máscara”, “a fuça de cachorro”, “o estouro da bomba”.

Os garotos-atores tramando, prosseguindo, aumentando, nunca terminando e os outros meninos ouvindo, gostando, exigindo mais, de tal forma, que como diz o nosso narrador, do garoto-ponto que seria encoberto do público debaixo daquela caixa ou cumbuca no dia da apresentação do drama encenado: “Já, entre nós, era a “nossa estória”, que, às vezes, chegávamos a preferir à outra, a ‘estória de verdade’ do drama.” (ROSA, 2005, p. 85)

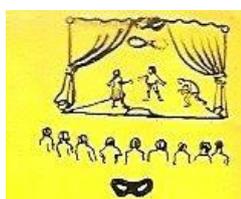
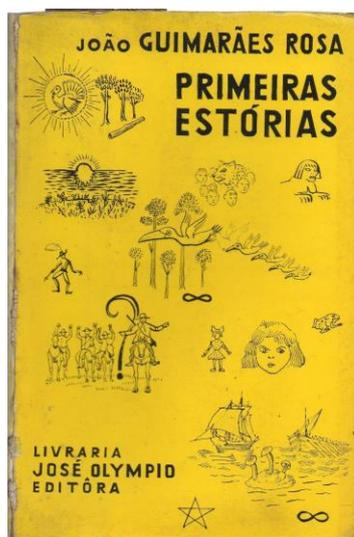


Ilustração de Luís Jardim para Pirlimpsiquice

Cumprindo o seu papel o garoto-ponto se pôs a reter “tintim por tintim e salteado” todas as histórias.

O verdadeiro drama, no entanto, ocorreu no dia D e na hora H. Atualpa, o ator principal teve que se ausentar, de último momento, pois que, seu pai deputado estava à morte. No teatro cheio onde “ninguém mais cabe”, entre rumores e luzes, abrem-se as cortinas.

Eu estava ali, parado, em pé, de fraque, a beira-mundo, do público, defronte. E, que queriam de mim, que esperavam? Atrás os companheiros tocando-me; isto era hora para piparotes? E oh! Súbito e súbitas, eu reconhecia na platéia tão enchida, todos, em cada um seu lugar: Tãozão, o Mão de Lata, o Gamboa, o Surubim, o Alfeu, o padre Diretor... oh! – tinha me lembrado da terrível coisa, meu-deus, então ninguém não tinha pensado nisso, antes? Porque, aquele arranjo de todos nós no palco, vindos ao proscênio, eu adiante, era conforme o escrito no programa: o Atualpa, primeiro devia recitar uns versos, que falavam na Virgem Padroeira e na Pátria. Mas esses versos eu não sabia! Só o Atualpa sabia-os, e Atualpa estava longe. (...) Eu teso e bambo, no embondo, mal em suor frio e quente, não tendo dá-me-dá, gago de êêê, no sem jeito, só espanto. O minuto parou. Riam, de mim, aos milhares. (...) “*Abaixem o pano!*” – escutei do padre Prefeito. O Dr. Perdigão em seu bobo buraco, raspava goela. Tornei a não olhar; falei alto. Gritei, tremulei, tão então - “*Viva a Virgem e Viva a Pátria*” – gritei. Ressoaram enormes aplausos. (ROSA, 2005, p. 89)

Nos vivas que vieram substituir os versos em homenagem à Virgem Padroeira e à Pátria, que só Ataulpa conhecia; no movimento de sobe e desce da cortina, que acaba emperrando, movimento acompanhado de urros e vaias para ninguém por defeito, dos aplausos e vivas, que surpreendentemente se sucedem é que entram em cena todas as histórias inventadas, desencadeadas por Zé do Boné e pelos demais garotos que acompanharam o ponto, quando este tomou vergonha. Contracenaram então, avidamente, as histórias inventadas, não se encontrando nunca um fim para elas.

E como terminar? Então, querendo e não querendo, e não podendo, senti: que só de um jeito. Só uma maneira de interromper, só a maneira de sair – do fio, do rio, da roda do representar sem fim. Cheguei para a frente, falando sempre, para a beira da beirada. Ainda olhei, antes. Tremeluzi. Dei a cambalhota. De propósito, me despenquei. E caí. E, me parece, o mundo se acabou. (ROSA, 2005, p. 91)

Podemos sentir em “Pirlimpisquice” Guimarães Rosa acenando com as infinitas possibilidades abertas pela literatura. Isto, só pode acontecer, no entanto, quando a literatura não é colocada a serviço da escolarização, pois é líquido e certo que escolarizar a cultura e a arte as esvaziam de todas as suas potencialidades.

Escutando/lendo contos tradicionais podemos aprender a expressar-nos, a configurar, a significar as experiências pessoais, a relatar, a escrever, a narrar oralmente, a desenhar, a dançar, a cantar..., como nos ensina Regina Machado. (2008)

Propostas educacionais para as diferentes linguagens expressivas são imprescindíveis na escolarização formal ou não formal. Os projetos relacionados à leitura do mundo e das palavras, partindo do pressuposto de que o uso social da leitura e da escrita responde positivamente à inserção no mundo letrado, tem função fundamental para o exercício pleno da cidadania.

As inúmeras funções do uso social da leitura e a da escrita (instrução, conhecimento, conservação, comunicação, divertimento, instrumento de apoio para estudos e pesquisas), denotam que estão envolvidos nesta prática, aspectos políticos e sociais do exercício do poder e da cidadania.

Em consonância com as mais avançadas pesquisas na área da linguagem, entende-se que a emancipação cultural e cidadã necessitam contemplar esse domínio, visto que não há avanço de conhecimento e participação cultural sem uso apropriado da leitura e da escrita. Projetos, desencadeados envolvendo o uso social da escrita, permitem construir significados em que os participantes reconheçam suas próprias marcas, desenvolvendo, assim, o sentido de pertencimento.

Alguns desses projetos para desenvolver o gosto pela leitura e a escrita, já experienciados por nós, como educadores, com significativa participação de crianças e jovens, aparecem elencados a seguir:

- **Em busca de histórias perdidas:** consiste em recolher por escrito dos participantes, pequenas histórias significativas, vividas por suas famílias e

amigos, registradas por quem sabe escrever, a serem socializadas em apresentações orais e exposições em painéis. É importante destacar que ao mesmo tempo que o escriba registra propostas de pessoas que não sabem fazer uso da escrita, socializa culturalmente entre os participantes do processo a função e a importância da leitura e da escrita.

- **Mafalda, aprendendo com a ironia criativa da personagem:** consiste em divulgar e socializar tiras escolhidas, solicitando comentários e reproduções de situações irônicas inovadoras, a partir do modelo de referência.
- **Essas mal traçadas linhas: dê notícias:** consiste em estimular a comunicação escrita entre familiares e amigos, potencializando momentos para a atuação de escribas voluntários em meios onde a escrita é pouco usada..
- **O catador de pensamentos:** a partir da leitura do instigante livro de histórias com esse nome, propor uma coleção de pensamentos positivos, engraçados, agressivos, agradáveis, sentimentais, carinhosos, informativos e outros, que serão reunidos e classificados pelos participantes e seus familiares. Embora se esteja considerando como mais importante o processo de trato com a leitura e a escrita, o produto final poderá ser exposto em painéis, em um evento em que se discutam a ética e as emoções, por exemplo.
- **Metamorfose:** utilizando as gravuras midiáticas (*Metamorfoses*, de Otávio O. Campo, pintor celayense), promover a criação de imagens visuais de outras metamorfoses.
- **Projeto do almanaque:** o Almanaque exerceu uma função cultural de grande importância em locais onde a maioria da população era ágrafa, tendo as notícias e informações que divulgava sido veiculadas largamente pela cultura oral. O projeto visa à reedição do Almanaque que servirá, principalmente, para divulgar os temas sobre energia, mas também histórias da cultura local.
- **Colcha de retalhos: partilhando sentidos e significados:** a partir da metáfora da colcha de retalhos, reunir e divulgar as memórias das raízes culturais da comunidade.

Esses projetos, como outros de natureza semelhante, são bastante apreciados por crianças e jovens que neles se envolvem com muita alegria, dando o melhor de si para realizar as atividades propostas. Por que deixar que sejam realizados apenas em espaços de educação não-formal? Porque não incorporá-los nas atividades escolares, trazendo a cultura em toda sua riqueza e potencialidades para serem vividas pelas crianças e jovens e também pelos adultos? Por que não desenvolver-lhes o gosto pela literatura?

Experiências dessa natureza nunca são esquecidas por nós educadores, quando tratadas e vividas em sua essência, passando a fazer parte integrante do nosso patamar

de conhecimentos, pois dessa forma deixam de atuar como informações facilmente esquecidas.

Referências bibliográficas

ALVES, Maria Leila e ALMEIDA, Danilo de Manno de. Sala de Convivência. *Propostas das Casas de Cultura e Cidadania: princípios básicos*. São Paulo: h.melillo, 2008.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989

MACHADO, Regina. Arte de contar histórias. *Propostas das Casas de Cultura e Cidadania: princípios básicos*. São Paulo: h.melillo, 2008.

ROSA, João Guimarães. Pirlimpisquice. *Primeiras Histórias*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Recebido para publicação em 17-08-14; aceito em 19-09-14